

LIVRO DE POEMAS
GRAZIELLE ALVES

POEMAS CRIADOS DURANTES OS PERÍODOS LITERÁRIOS DA **LITERATURA** **BRASILEIRA**

OBS: Poemas de alguns autores escolhidos de cada período , portanto existe vários outros não somente o que estão aqui .

Século XVI : Quinhentismo

Autor: Pero Vaz de Caminha

A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de
longo Até a oitava da Páscoa Topamos aves E
houvemos vista de terra

OS SELVAGENS

Mostraram-lhes uma galinha Quase haviam
medo dela E não queriam pôr a mão E depois a
tomaram como espantados

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem Diogo Dias Fez o salto real
AS MENINAS DA GARE

Eram três ou quatro moças bem moças e bem
gentis Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos Não
tínhamos nenhuma vergonha

Século XVII: Barroco

Autor: Gregório de Matos

AO BRAÇO DE MENINO JESUS

O todo sem a parte não é todo,/A parte sem o
todo não é parte,/Mas a parte o faz todo, sendo
parte,/Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,/E todo
assiste inteiro em qualquer parte,/Em
qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,/ Pois que feito
Jesus em partes todo,/ Assiste cada parte em
sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,/Um braço,
que lhe acharam, sendo parte,/ Nos diz as
partes todas deste todo.

Século XVIII: Arcadismo ou Neoclassicismo

Autor: Tomás Antônio Gonzaga

TU NÃO VERÁS, MARÍLIA, CEM CATIVOS

Tu não verás Marília, cem cativos tirarem o cascalho e a rica terra, ou dos cercos dos rios caudalosos, ou da mina serra.

Não verás separar ao hábil negro do pesado esmeril a grossa areia; e já brilharão os granetes de ouro no fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos, queimar as capoeiras inda novas, servir de adubo à terra a fértil cinza, lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes das secas folhas do cheiroso fumo: nem espremer entre as dentadas rodas da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa altos volumes de enredados feitos; ver-me-ás folhear os grandes livros, e decidir os pleitos. Enquanto revolver os meus Consultos, tu me farás gostosa companhia, lendo os fastos da sábia, mestra História, e os cantos da Poesia. Lerás em alta voz, a imagem bela; eu vendo que lhe dás o justo apreço, gostoso tornarei a ler de novo o cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza, Marília, não lhe invejes a ventura, que tens quem leve à mais remota idade a tua formosura.

Primeira Metade do Século XIX: Romantismo

Autor: Gonçalves de Magalhães

A BELEZA

Oh Beleza! Oh potência invencível, Que na terra despótica
imperas; Se vibras teus olhos Quais duas esferas, Quem resiste
a teu fogo terrível? Oh Beleza! Oh celeste harmonia, Doce
aroma, que as almas fascina; Se exalas suave Tua voz divina,
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice, do mundo cansada, A teu mando resiste somente;
Porém que te importa A voz impotente, Que se perde, sem ser
escutada?

Diga embora que o teu juramento Não merece a menor
confiança; Que a tua firmeza Está só na mudança; Que os teus
votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas se tu te mostrares Ante mim como um astro
radiante, De tudo esquecido, Nesse mesmo instante, Farei tudo
o que tu me ordenares

. Se até hoje remisso não arde Em teu fogo amoroso meu peito,
De estóica dureza Não é isto efeito; Teu vassalo serei cedo ou
tarde.

Infeliz tenho sido até agora, Que a meus olhos te mostras
severa; Nem gozo a ventura, Que goza uma fera; Entretanto
ninguém mais te adora.

Eu te adoro como o anjo celeste, Que da vida os tormentos acalma; Oh vida da vida, Oh alma desta alma, Um teu riso sequer me não deste!

Minha lira que triste ressoa, Minha lira por ti desprezada, Assim mesmo triste, Assim malfadada, Teu poder, teus encantos pregoa.

Oh Beleza, meus dias bafeja, Em teu fogo minha alma devora; Verás de que modo Meu peito te adora, E que incenso ofertar-te deseja.

Segunda Metade do Século XIX: Realismo / Naturalismo

Autor: Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS
MENINA E MOÇA

Está naquela idade inquieta e duvidosa, Que não é dia claro e é já o alvorecer; Entreaberto botão, entrefechada rosa, Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Às vezes recatada, outras estouvadinha, Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor; Tem coisas de criança e modos de mocinha, Estuda o catecismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, e* seio lhe palpita, De cansaço talvez, talvez de comoção. Quando a boca vermelha os lábios abre e agita, Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada, Olha furtivamente o primo que sorri; E se corre parece, à brisa enamorada, Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia, A cama da boneca ao pé do toucador; Quando sonha, repete, em santa companhia, Os livros do colégio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra; E quando entra num baile, é já dama do tom; Compensa-lhe a modista os enfados da mestra; Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo Para ela é o estudo, excetuando talvez A lição de sintaxe em que combina o verbo To love, mas sorrindo ao

professor de inglês.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etérea visão; Quantas
cruzando ao seio o delicado braço Comprime as
pulsações do inquieto coração!

Ah! se nesse momento alucinado, fores Cair-lhes aos
pés, confiar-lhe uma esperança vã, Hás de vê-la
zombar dos teus tristes amores, Rir da tua aventura e
contá-la à mamã.

É que esta criatura, adorável, divina, Nem se pode
explicar, nem se pode entender: Procura-se a mulher
e encontra-se a menina, Quer-se ver a menina e
encontra-se a mulher!

Fins do Século XIX: Parnasianismo e Simbolismo

Autor: Olavo Bilac

OUVIR ESTRELAS

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!"
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto A via-láctea,
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu
deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo! Que conversas com
elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão
contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las! Pois só quem
ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender
estrelas."

Primeiras décadas do Século XX: Pré-Modernismo

Autor: Carlos Drummond de Andrade

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma
pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio
do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de
minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei
que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma
pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha
uma pedra.